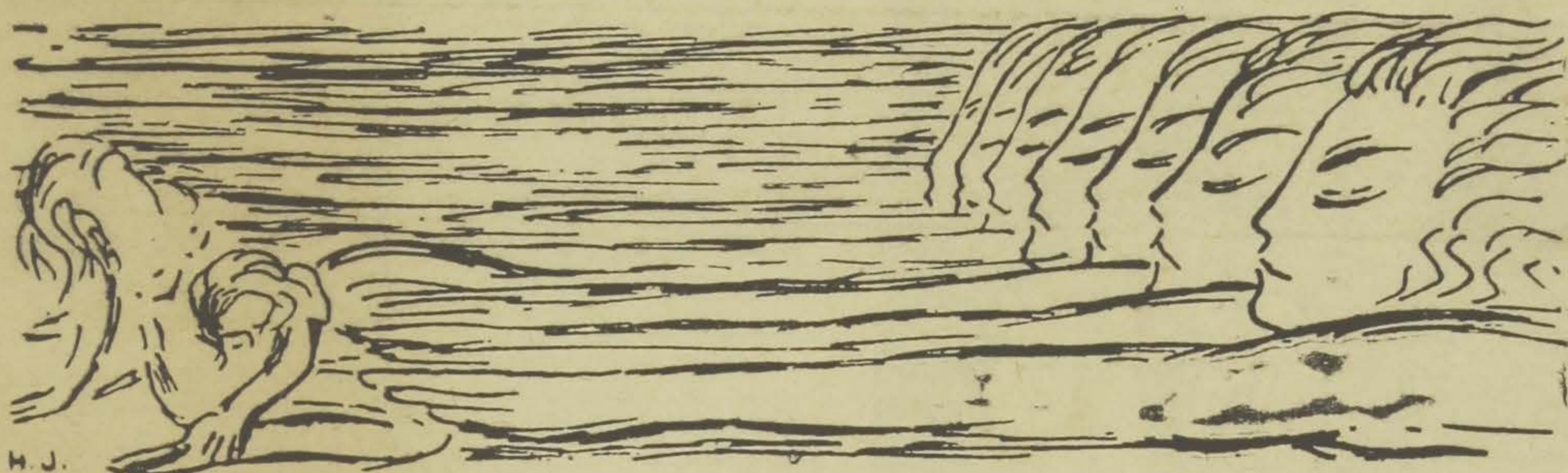


Bilston upswing

Correio das Artes

Ano 1 Número 22 SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A UNIÃO" Domingo, 21-8-1949



VINHETA DE HERMANO JOSÉ

PSICHARI

HORTENSIO DE SOUZA RIBEIRO

NÃO há nada mais estético que as emoções profundamente sentidas e espontaneamente partilhadas.

E é prova disto a ineludível preponderância dos nossos pendores afetivos sobre as nossas concepções estéticas, científicas ou mesmo práticas.

Quando Vauvenargues assegura que "os grandes pensamentos vêm do coração", nesse apanhado de gênio, o grande pensador formula sem o saber o substrato de uma das quinze leis da filosofia primeira.

Com efeito, nas elaborações do nosso espírito a imagem normal predomina sobre todas as outras que a agitação cerebral faz simultaneamente surgir no campo da ideação.

Nas maiores construções da humanidade, tomemos um grande poema, por exemplo, a "Divina Comédia" de um Dante, ou uma obra de arte imortal a "Estátua de Beethoven" do escultor Max Klinger, ou ainda a máquina a vapor

per do engenheiro James Watt. Que é que nós vemos?

Sempre um cérebro portentoso pensando e agindo sob o influxo do coração.

E' das nossas mais ele-

varias funções, e temos enunciado as afetivas, que parte o impulso decisivo para a execução de um trabalho imortal.

Em Ernesto Psichari, nascido em Paris, no dia 27 de Setembro de 1883,

como em tantas outras almas belas do ocidente, a bondade é o atributo marcante que sobredetermina e controla as tendências que formam por assim dizer o parenquima ou a base estrutural das naturezas de elite.

Não é que a inteligência deixe de refulgir e fostorejar no cérebro desse neto de Ernesto Renan com as refulaências duma aurora.

A viagem que ele empreendeu à Africa equatorial, incorporando-se, num gesto de suprema renúncia, à artilheria colonial em companhia do comandante Lenfant, depois de estudos aturados no Liceu Henrique IV e Condorcet, é uma comprovação de que a bondade transluzia na alma de Psichari com a mesma espontaneidade jorante que apresenta essa virtude no espírito dos antigos místicos.

Visionária esse espírito curioso, observador e profundo que ex-Africa sempre aliquid novi?

As impressões tão ricas de colorido e simpli-

PALAVRAS

SILVIO DA CUNHA

POR ENTRE OS MEUS DEDOS ESCORREM PALAVRAS.
NASCEM PALAVRAS DOS MEUS DEDOS COMO LUZES, COMO GEMAS.

ESTA PALAVRA QUE EU TOCO AGORA,
COMO EU A AMO. COMO A SINTO PROFUNDAMENTE EM SEU VALOR;
VIVO A SUA VIDA IMENSA. ABSTRAIO-ME EM SEU VALOR MILENÁRIO
PEGO-A FRESCA COMO UM FRUTO NOS LÁBIOS DO HOMEM ANTIGO — EGÍPCIO OU GREGO
COM ESTA GRAVIDADE, ESTA INTENSIDADE DE SER ETERNA.

II

HOJE SINTO O SILÊNCIO CHEIO DE PALAVRAS DESCONHECIDAS.
PALAVRAS QUE NUNCA PASSARAM POR LÁBIOS HUMANOS.

QUE VÊM DE MUNDOS DISTANTES
QUE ESTÃO NO ESPÍRITO DE DEUS;
PALAVRAS QUE FARIAM TODOS OS HOMENS SE ENTENDEREM,

DE CORAÇÃO A CORAÇÃO. SEM ABISMOS.
QUE EXPLICARIAM O AMOR,
E A VIDA. E A MORTE, DARIAM SENTIDO.

cidade, diz um seu biógrafo, e de perfume com que poder de sugestão o escritor maravilhosamen-

te nô-las descreve no seu livro "Terras de Sol e de Sonho"?
Conquanto, nessa épo-

ca, Psichari não tenha ainda mergulhado na essência do Cristianismo, conforme anota o bispo titular de Alinda e superior geral dos Missionários do Santo Espírito, cujo estudo estamos seguindo, quem sabe se lhe teria passado despercebido aquilo de Tomás de Kempis: "Vê-te quanto puderes do tumulto dos homens. Antes tomaria muitas vezes ter calado e não me haver achado entre eles. Porque raramente tornamos ao silêncio com a consciência indene".

E quem nos diz que não tenha sido esse o agulhão que o propeliu para a "poeira bendita da África"?

Artista, na acepção integral do vocábulo, curioso de saber e de examinar, espírito sério e admiravelmente sincero, embriagou-se na beleza virginal da paisagem, e a sua alma luminosa como que se difunde no encanto daquele mundo novo que era para Psichari um mundo primitivo.

"Oh! como se lobrigam distantes, exclama um dos seus eminentes biógrafos, como bem estão longe, contemplados à margem do rio Logone, iluminada pelos raios do sol africano, os "boulevards" de Paris e os cursos da Sorbonne, e as discussões trapalhonas e confusas, e as divagações humanitárias, e as quiméras pacifistas, e as tiranias políticas, e as misérias todas da nossa triste civilização!"

"Venham e vejam (parece-nos ouvi-lo clamar aos seus mestres e amigos longínquos) a virtude que tem essa terra de fazer desbrochar em nossa alma a flôr da bondade. Só ela tem o condão de nos exaltar e elevar acima de nós mesmos, numa tensão de ânimo em que o sonho e a ação se confundem".

Mas de preferência ante o deslumbramento do panorama inédito que arrebatava a alma de Psi-

chari, o que profundamente o impressiona e visivelmente interessa é o homem. É ele próprio. O homem na sua vida primitiva, "sem os artifícios duma civilização absorvente", feliz por se sentir um dominador no meio d'esses bárbaros, e de esquecer "tudo" que a legenda acumulou em nós de vaidade e mentira".

Só assim, pensava Psichari, acharemos, por detrás dos mitos ocidentais, a energia que equilibra o nosso corpo e fortalece a nossa alma.

No dia 26 de Maio, em plena floresta africana, lê-se anotado pela sua própria mão: "A nossa tenda é u'a mancha branca ao fundo das grandes árvores. Crepitam fogos na noite. Os nossos Bayas vejam em torno, acocorados em círculo, aos cinco, aos seis, falando docemente, sem estrépito, do Mamberé próximo. Como eu como essas criaturas que não sonham e nem rezam".

Entre os cargueiros da expedição, um jovem Baya, pela elegante gracilidade, lhe despertou a atenção. Psichari elege-o sua pequena ordenança, sentindo por ele particular afeição. Uma doença estranha o abate em meio da jornada e o africanzinho expira ao clarão das estrelas nos braços de Psichari.

Diante do espetáculo da morte, dir-se-ia que se renova o episódio da estrada de Damasco. E aquele descendente de Renan, flutuante e cético como as gerações superficiais de hoje, sente uma convulsão interior vendo brilhar no negrume da sua indiferença religiosa o clarão invisível que Psichari nos entremostra no seu livro ofuscante e decisivo A VIAGEM DO CENTURIÃO.



O PINTOR ALDO BONADEI, VISTO POR FLAVIO DE CARVALHO

A União

Fundada em 1892 Patrimônio do Estado

Diretor: SILVIO PORTO

CORREIO DAS ARTES

Orientação de EDSON REGIS



Artes Plásticas

Uma Proxima Exposição Matisse

ENRICO CAMERINI

(CORRESPONDENTE DO "CORREIO DAS ARTES" EM PARIS)

N O JORNAL "Arts" de 27 de maio está anunciada para o começo do mês de junho uma grande exposição de Matisse, a ser realizada no Museu Nacional de Arte Moderna. Esta exposição mostrará as obras mais recentes do mestre, as obras do período 1948/49, e parece ser dedicada quase exclusivamente aos turistas, pois permanecerá aberta durante todo o verão, até o dia 25 de setembro.

Matisse, nestes últimos anos, se dedicou a pesquisas que podem ser consideradas estranhas à pintura propriamente dita. Ele tem feito ilustrações de livros cuidando ao mesmo tempo da edição dos mesmos, escolhendo tipos e paginação — tem feito desenhos para tecidos, tapeçarias, e as já famosas experi-

ências com papéis de cor, recortados e colados. Esta exposição compreenderá treze pinturas a óleo, vinte e dois desenhos à tinta nanquim, vinte e uma composições em papel de cor, dois tecidos decorativos e seis livros ilustrados.

O abandono da "arte pela arte", e a procura de ligar seu trabalho mais diretamente às necessidades da vida, são as características principais do último período da obra de Matisse; e constituem um sintoma da inutilidade sempre crescente da moderna pintura de coralete.

O SALÃO DA JOVEM ESCULTURA

Foi uma ótima idéia esta de expor as obras dos jovens escultores de Paris nos jornais do Mu-

seu Rodin. As estátuas em geral são concebidas ou para o ar livre ou para grandes espaços, e a luz verde das árvores acentua e realça as formas; as esculturas vivem, respiram.

Os expositores são todos jovens, nomes em geral ainda não conhecidos: são os "novos valores", as esperanças da escultura moderna. E esta apresentação se resume numa triste confissão: a falta de inspiração, de imaginação, a falta, quase, de vontade de trabalhar; estas obras faltam de entusiasmo, de vivacidade, de coragem.

Mesmo do ponto de vista puramente formal — e infelizmente é o único do qual estas obras podem ser olhadas, pois parece que seus autores só com isso se preocupa-

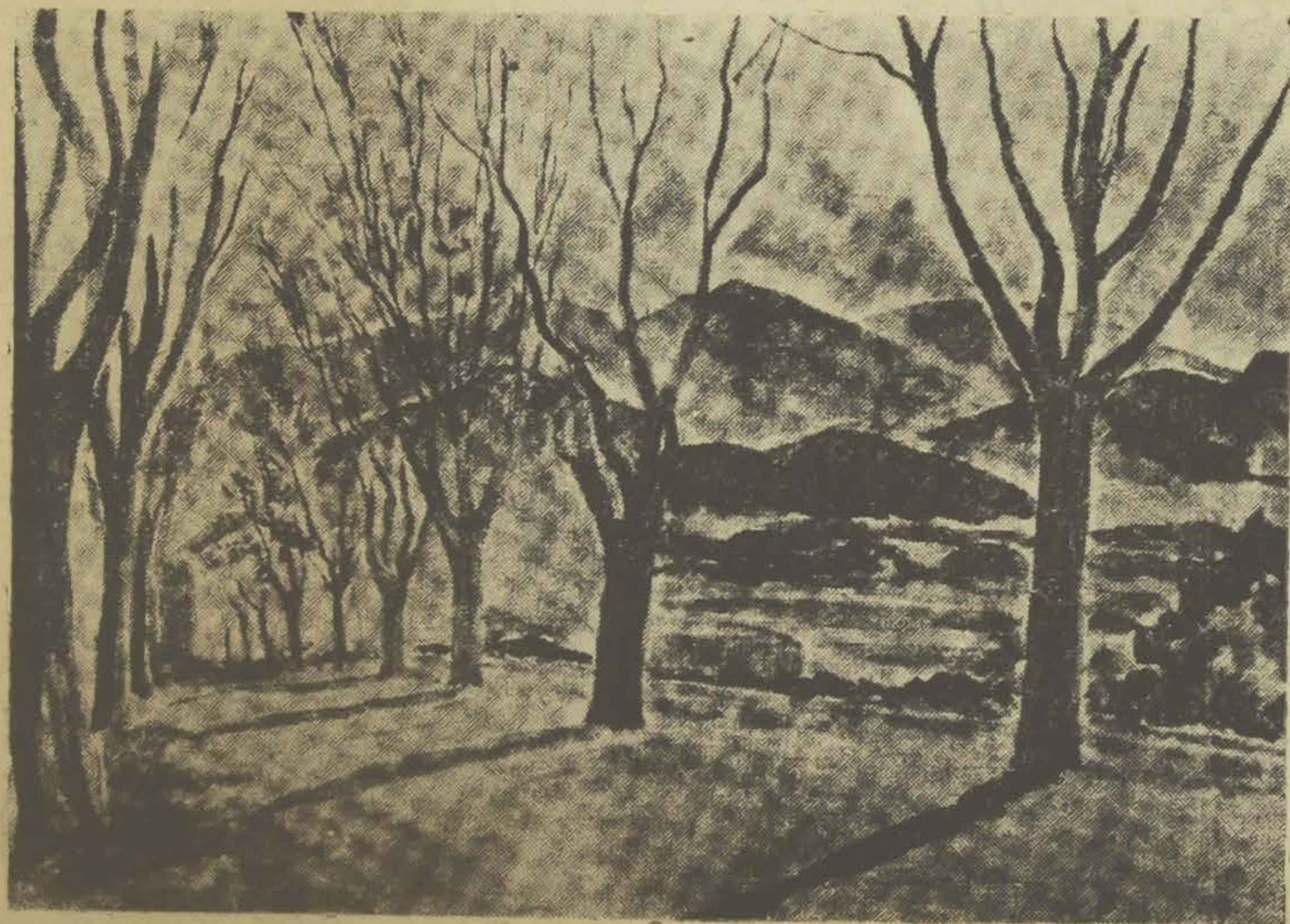
ram — poucas são as que se salvam desta epidemia de má escultura e da influência mal compreendida de seus mestres.

Estes jovens artistas, evidentemente, não estão vivendo no nosso mundo nem na nossa época; não sentem a imperiosa necessidade de construção, ou antes de reconstrução, o problema mais importante dos nossos dias.

UM GRUPO DE PINTORES LATINO-AMERICANOS EXPÕE EM PARIS

A "Association Latino-Américaine" foi fundada recentemente em Paris por um grupo de latino-americanos, com o intuito de fazer mais conhecida em Paris e na Europa a arte e a cultura da América Latina, por meio de exposições, conferências, etc., e, na medida do possível, de ajudar e de reunir os artistas latino-americanos que trabalham ou estudam na França.

Sua principal manifestação foi a "Primeira Exposição dos Pintores da América Latina em Paris", que foi realizada na segunda quinzena de abril, sob o patrocínio da "Section Franco-Brésilienne de la Maison de l'Amérique Latine", dirigida pelo consul brasileiro em Paris, sr. Jaime de Barros. Esta mostra, que reuniu cerca de trinta artistas, não quiz ser a manifestação de um grupo homogêneo — pelo contrário, estes pintores pertencem às tendências mais diversas — mas serviu para constatar a presença destes ar-



SEGONZAC — PAISAGEM

listas, e foi o primeiro passo para uma estreita união e colaboração entre eles. Estes jovens que vieram a Paris para aprender seu "metier", para aperfeiçoar sua técnica, não podem prescindir do contato com pessoas de sua mesma formação, de educação análoga e de problemas paralelos, pois somente isto lhes pode oferecer o ambiente e o clima propícios a um trabalho construtivo. Neste intuito a Associação está estudando a possibilidade de oferecer aos pintores um atelier coletivo, onde estes terão espaço e material, aliados a uma constante troca de idéias com seus companheiros. A doença mais grave da pintura do nosso século é talvez o excessivo individualismo. As vantagens do trabalho em ateliers coletivos podem ser constatadas pela magnífica produção do "Taller de Gráfica Popular", do México, que tem produzido gravuras de alto valor artístico e de profunda atualidade. Os pintores da Associação Latino-Americana estão em contato com este grupo

de gravadores mexicanos desde novembro do ano passado, e pretendem organizar para o mês de setembro uma exposição de suas obras.

Já receberam o apoio de inúmeros artistas franceses, que, tendo visto algumas reproduções, logo se interessaram nesta realização.



NATUREZA MORTA — FIRMINO SALDANHA

Notícias

"POEMAS", DE
DEOLINDO TAVARES

A Casa do Estudante do Brasil acaba de editar os cadernos de poemas de Deolindo Tavares, numa seleção de Gilberto Freyre, Murilo Mendes e Manuel Bandeira.

Deolinda Tavares, morto aos vinte e poucos anos, ainda quando estudava direito e mal o seu talento começava a despertar a curiosidade e a aclamação dos intelectuais pernambucanos, é agora apresentado ao público brasileiro, em toda a plenitude do seu talento, no brilho lapidar das páginas dos seus poemas.

A C.E.B., editando "POEMAS" presta uma homenagem ao talento do jovem poeta pernambucano, em quem o Brasil perdeu uma das suas mais vigorosas esperanças. Prefaceia "POEMAS" o prof. Gilberto Freyre.

Treno para Dion e

FERNANDO FERREIRA DE LOANDA

AS ESPUMAS DA FIMBRIA
SÃO LÍRIOS DESFEITOS
QUE AS VAGAS, À PRAIA,
JOGAM, NA MANHÃ CORAL
EM SIGILO, NA AREIA
APÓS AS NÚPCIAS.

COMO NUVEM SOLITÁRIA
REPOUSANDO NO AZUL
SENTINDO O INFINITO
TANGER O ÂNGULO
DA AMETISTA CATEDRAL
DO CREPÚSCULO.

EU TE POSSUIREI NAS ONDAS
E NA PRAIA DORMIREMOS, APÓS
O MAIS ARREBATADO AMOR;
E TEMENDO QUE TE VEJAM
NUA, VESTIDOS DE BRUMA,
TE DAREI, TECIDOS NA NOITE.

POBRE SOU, QUE SÓ AMOR
TENHO PARA TE OFERTAR,
UM GRANDE E PURO AMOR
E A BRANCA LINHA DO MAR,
EM SIGILO, NA AREIA
APÓS AS NÚPCIAS.

CONTEMPLAÇÃO

LUIS HUGO

A ESTRELA BRILHANTE RISCOU O CEU
DEIXANDO UM TRAÇO LUMINOSO NA NOITE
[IMENSA.]
DEUS TE GUIE, DEUS TE GUIE, APOSTROFOU O
[MÍSTICO.]
O CIENTISTA COFIU OS BIGODES
E CALCULOU OS MIL ANOS DE MATERIA INCANDESCENTE,
MAS O POETA SUSPIROU.

ESTADO E DEMOCRACIA

IVALDO FALCONI

A CONFUSÃO e em consequência a controvérsia atualmente reinante no domínio do pensamento político, como nos demais domínios do pensamento, resulta, sem dúvida, em grande parte, da diferença de sentido com que teóricos e doutrinadores entendem ou empregam a mesma palavra. Na maioria das vezes, opiniões de um modo geral semelhantes apresentam, à primeira vista, antagonismos aparentemente insuperáveis, mas decorrentes de falta de um esclarecimento preliminar, de uma definição das coisas. A controvérsia surge, assim, por deficiência de técnica de expressão, ou antes em virtude da existência de diversas técnicas. Impõe-se, por isso mesmo, a uma divagação mais ou menos pretenciosa sobre qualquer assunto, a tarefa prévia de definir, quasi à maneira socrática, os nomes dados a cada coisa.

A palavra democracia tem sido empregada, desde os gregos antigos aos dias atuais, com os mais diferentes sentidos, que lhe dão o que poderíamos chamar, talvez com propriedade, polivalência conceptual. Adeptos das mais diversas ideologias, classificam de democracia os regimes políticos que pregam e procuram implantar. Já o velho Nitti observava ser frequente o seu emprego com os mais variados significados, até mesmo para indicar inexatamente um estado de alma, uma condição social, ou ainda hábitos simples e confidentiais.

Para uma exata compreensão do conceito de democracia, é de grande vantagem utilizar-se a distinção de Burgess entre formas de estado e formas de governo, adotada pelo professor Mac Iver e aceita por Hermes Lima, como méro ponto de partida. Segundo essa doutrina, há no Estado um poder soberano, capaz de limitar todas as atividades, e um conjunto de órgãos, mediante os quais se executa a vontade jurídica daquele poder. A natureza do órgão de onde emana o poder supremo é que determina o caráter do Estado, de modo que as formas políticas apresentam dois aspectos, o das formas de Estado e o das formas de Governo, quando se analisa o órgão de onde emana o poder supremo, ou os mecanismos que exercem suas funções.

A democracia, dentro desse critério de classificação das formas políticas, é uma forma de Estado, podendo ser definida como o regime onde o poder reside na massa dos cidadãos, na maioria. O fundamento da democracia é, assim, a dominação da maioria, o princípio majoritário, não adiantando discutir sobre causas econômicas ou de outra ordem que possam influir sobre a vontade da maioria, porque aí se trataria, apenas, de verificar o maior ou menor grau de pureza democrática.

Argumentam alguns publicistas, com o professor Kelsen à frente, que sem liberdade não há democracia e que, portanto, a liberdade é o fundamento da democracia. Mas, entendida a liberdade pelos doutrinadores como o poder que tem todo indivíduo de exercer suas atividades, sem que o Estado lhe imponha outras restrições a não ser as necessárias à manutenção da liberdade de todos, conclui-se, facilmente, que, em toda forma política, mesmo naquela onde é menor o intervencionismo do Estado, restam normas restritivas da liberdade do indivíduo, indispensáveis à coexistência social. Destarte, a liberdade não caracteriza a democracia, porque ou nenhum Estado seria democrático, em face das limitações à liberdade, existentes em todos eles, ou todos o seriam, em maior ou menor grau. Alegar-se-á, porém, que o que distingue a democracia é a existência de um mínimo de liberdade, as chamadas liberdades políticas ou fundamentais. Nesse caso, a diferença entre Estado

democrático e Estado não democrático não seria de natureza, mas apenas de grau, o que implicaria, ao nosso vêr, na admissão de um conceito de democracia puramente quantitativo.

Os gregos tentaram definir o caráter da democracia, que, para Aristóteles, tinha na liberdade o seu princípio fundamental. Admitiam eles como forma política democrática aquela que assegurava aos cidadãos a isonomia — igualdade perante a lei, a isonomia — igualdade para o exercício das funções e isonomia — liberdade de pensamento. A concepção de democracia que nos legaram, incluía, pois, a liberdade e a igualdade, não penetrada esta última, porém, de sentido econômico, como se pretende modernamente. A essência da democracia residiria, assim, para eles, como para muitos pensadores atuais, naqueles princípios.

Parece-nos, entretanto, fora de dúvida que nem a liberdade nem a igualdade constitui o fundamento da democracia. É bem verdade — e fazemos questão de o ressaltar — que a liberdade e a igualdade são condições indispensáveis à democracia e sem as quais não é possível a sua existência. Levar, porém, esse raciocínio à conclusão de que os referidos princípios, o da igualdade e o da liberdade, constituem a essência da democracia, é confundir a coisa com as condições para sua existência. Precisou muito bem o antigo Presidente do Conselho de Ministros da Itália esse aspecto da questão, quando salientou que não pode haver democracia sem liberdade, mas pode haver liberdade sem democracia.

A democracia surgiu com o aparecimento do Estado moderno. As chamadas democracias das antigas cidades gregas, entre as quais a ateniense, que esplendeu na época de Péricles, não eram democracia, em que pese a opinião de algumas autoridades no assunto. Seus cidadãos eram uma minoria, uma casta dominante, ficando excluída de participação nas atividades políticas a maioria, constituída de escravos e estrangeiros sem cidadania. Havia uma relação democrática, mas apenas entre o Governo e essa minoria. Entre os diversos requisitos para a cidadania era exigida até a propriedade de bens de raiz.

Por outro lado, não existia a liberdade individual. Como salienta Fustel de Coulanges, "nada havia no homem que fosse independente. Os antigos não conheciam nem a liberdade da vida privada, nem a da educação, nem a religiosa, não existindo a liberdade individual em qualquer aspecto, desde que o cidadão estava submetido em todas as coisas e sem reservas à cidade". Nessas condições, o regime ateniense, com o seu excessivo número de magistrados, com o seu complicado funcionamento, e não obstante o seu mecanismo de controle dos governantes, no qual estava incluído até o direito de revogação dos mandatos conferidos pela assembleia do povo, não tinha caráter democrático, no sentido atual dessa palavra.

Em recente tese de concurso à cátedra de Direito Constitucional da Faculdade de Direito da Universidade do Recife, o professor Pinto Ferreira enumera, entre numerosas correntes que procuram definir a democracia, a que ensina fundamentar-se ela na igualdade, penetrada esta de sentido econômico. Mas, naquele trabalho, o ilustre jurista identifica, de maneira que nos parece inaceitável, a doutrina da democracia socialista de Laski e outros com a chamada "democracia igualitária ou sem exceção" de Lenine.

O estado socialista por que se bate o teórico do Partido Trabalhista Britânico conserva, porém, em seus traços fundamentais, todos os elementos indispensáveis à caracterização de um estado democrático.

co. E para os adeptos do socialismo britânico a questão resume-se em estender a igualdade a outros planos e domínios, harmonizando as liberdades políticas tradicionais, com a intervenção do Estado na ordem econômica.

Não é possível, ao contrário, conciliar marxismo e democracia. E essa tese não encontra fundamento nem mesmo dentro dos princípios da filosofia política marxista. A confusão decorre, sem dúvida, ainda, do emprego da mesma palavra com significações diferentes, o que explica o uso, por escritores marxistas, da palavra democracia, de referência à sociedade comunista por eles pregada, e isso mesmo em trabalhos de propaganda política, para tirar partido do efeito doquêle vocábulo sobre o espírito das massas. Para a doutrina marxista, o Estado é um instrumento de dominação de classes, uma estrutura de uma classe, predominando sobre outra. Postula o marxismo que,

com a apropriação dos meios de produção pela sociedade, implantar-se-ia uma sociedade comunista que, em sua etapa superior, se caracterizaria pela extinção total das classes e, conseqüentemente, do Estado, desde que o Estado é apenas uma estrutura de classes. Nessas condições, admitida a democracia com uma forma de Estado, forçoso é igualmente admitir, dentro das linhas do pensamento marxista, que com a abolição do Estado também se extinguiria a democracia. O antagonismo entre democracia e marxismo levou o próprio Lenine a afirmar em uma de suas obras que a sociedade comunista é a superação da democracia.

Do exposto conclui-se que não é possível harmonizar o ponto de vista de Laski sobre democracia com a teoria de Lenine, e muito menos comunismo e democracia, porque a democracia, segundo a doutrina marxista, é apenas a expressão política do estado burguês.

DOIS POEMAS DE MAX JACOB

TRADUZIDOS POR EDSON REGIS

MISTERIO DO CÉU

A O VOLTAR DO BAILE SENTEI-ME À JANELA E CONTEMPLI O CÉU: AS NÚVENS ME PARECERAM IMENSAS CABEÇAS DE ANCIÃOS SENTADOS A UMA MESA E QUE LHE TRAZIAM UM GRANDE PASSARO ORNADO DE SUAS PLUMAS. UM GRANDE RIO ATRAVESSAVA O CÉU.

UM DOS ANCIÃOS BAIXOU OS OLHOS PARA O MEU CORPO, E IA ME FALAR QUANDO O ENCANTAMENTO SE DISSIPOU, DEIXANDO AS PURAS ESTRÉLAS CINTILANTES.

PEQUENO POEMA

LEMBRO-ME DO MEU QUARTO DE CRIANÇA. NA MUSSELINA DAS CORTINAS SOBRE AS VIDRAÇAS HAVIA APLICAÇÕES DE BORDADOS BRANCOS, E EU ME EMPENHAVA EM DESCOBRIR O ALFABETO E QUANDO ENCONTRAVA AS LETRAS EU AS TRANSFORMAVA EM DESENHOS QUE IMAGINAVA. O "H", UM HOMEM SENTADO; O "B", O ARCO DE UMA PONTE SOBRE O RIO. HAVIA NO QUARTO VÁRIOS COFRES E FLORES ABERTAS, LIGEIRAMENTE ESCULPIDAS NA MADEIRA. MAS O QUE EU PREFERIA ERAM DUAS BOLAS DE PILASTRAS QUE SE DESTINGUÍAM POR TRÁS DAS CORTINAS E QUE EU CONSIDERAVA CABEÇAS DE FANTOCHES COM AS QUAIS NÃO ME ERA PERMITIDO BRINCAR.

UMA DE TRISTAN
BERNARD

TRISTAN BERNARD assistiu a uma peça de Gabriele D'Annunzio, na qual a famosa Ida Rubinstein fazia o papel de Pisanel. Ida não era famosa apenas pela sua arte, mas também pela magreza extrema. No momento em que a rainha ordena que Pisanel seja devorada pelos leões, Tristan observou a um amigo, ao lado:

— Pobres animais: vão roer uns ossinhos...

A P O N T E

KAFKA — TRADUÇÃO DE TOMÁS SEIXAS

MEU corpo estava completamente endurecido e frio. Eu havia me transformado numa ponte e estava estendido por cima de um barranco. Com os pés num lado e as mãos crispadas no outro eu me encaixara solidamente nas margens que eram de terra pouco firme. As abas do meu casaco flutuavam no ar, e por baixo de mim rugia uma torrente gelada. Nenhum turista extraviado chegaria até aquelas alturas inacessíveis nem até àquela ponte que não era mencionada em nenhum guia da região. Imobilizado naquela posição eu esperava, por não poder fazer outra coisa senão esperar. No caso — único — de não cair, nenhuma ponte deixará jamais de ser ponte.

Um dia, ao anoitecer — do primeiro ou do milésimo dia! Não sei dizer — meus pensamentos eram confusos e giravam num círculo vicioso; era um anoitecer de verão, e o rumor da torrente tornara-se mais surdo, quando ouvi o ruído de um passo humano. Dirigia-se para mim, para mim. Ponte! Endurece-te! Prepara-te pinguela para suportar o peso que irão te confiar. Se o seu passo for incerto, sossega-o sem intervir mas se ele perder o equilíbrio mostra-lhe do que és feita e co-

mo um deus da montanha lançá-lo para o outro lado, sobre o terreno firme!

Ele chegou; experimentou minha solidão com a ponteira de ferro da sua bengala; depois com essa mesma ponta, levantou e ajeitou as abas do meu casaco. Em seguida, com o mesmíssimo instrumento remexeu por algum tempo na minha cabeleira de urzes, esquecendo-me, sem dúvida enquanto eu, esgazeado lançava-lhe olhares selvagens. Mas, de repente — justamente quando eu pensava em segui-lo por montes e vales — ele saltou, de pés juntos, no meio do meu corpo, fazendo-me sentir uma dor violenta que me deixou confuso sobre o que ocorria. — Quem seria, ou o que seria? Uma criança? Um viajante? Um sonho, ou um suicida? Um espírito de tentação ou de destruição? Pensando no modo pelo qual solucionaria essa questão que me revolvía. Uma ponte se revolver! Mal eu acabara de mexer-me quando comeci a cair. Sim, o cair! Agora eu caía, e num momento fui dilacerado pelas rochas pontiagudas que sempre me haviam placidamente contemplado lá de baixo, através do arremesso das vagas.

NOITE DE TRABALHO

Conto de CARLOS ROMERO

NOÊMIA é uma barata tonta dentro do bar. Não pára um só instante. A eletrôla enche o salão com uma música doida, saltitante, fazendo remexer os quartos de um rapaz magro e desdentado. A fumaça do cigarro sobe preguiçosamente pelo ar viciado.

— Mas uma cerveja!
— grita um homem gordo e corado.

Noêmia corre, apanha-se, sente medo dos homens embriagados que falam alto.

— Mais uma cerveja!

Há uns três anos, vivia com os seus pais, no interior, cuidando dos irmãos doentes, da mãe gemendo de reumatismo. Parecia haver felicidade naquele tempo...

A eletrôla geme um samba dengoso, envolvente, cuja letra fala de uma saudade. Noêmia sente a tristeza de sua vida. Lembra-se de Galego:

— Amanhã, você tem trabalho?

— Tenho.

— Até que horas?

— Até terminar o movimento do bar.

Viu-o jogando o cigarro no chão, pisá-lo, sentiu o bafo de cachaça.

— Mais uma cerveja!...

A voz é de irritação. Agora é um homem de cáqui, um motorista metido a desordeiro.

Noêmia passa por ele sorrindo. Tem medo de fazer carência para esses indivíduos de cara feia, de revolver atrás das calças.

— Vem cá, garota. Me atenda logo...

Noêmia sorri, faz um gesto, pedindo um pouco de paciência. O dono do bar reclama:

— Noêmia! Atenda aquele rapaz! Há uma hora que ele pede um churrasco.

O vento da noite é frio e o barulho da ele-

trôla entontece. Pares e mais pares vão entrando. Arrastam-se cadeiras. Noêmia despeja os pratos na mesa de um rapaz alto e calado. Ele é bom de gênio! Se todos os freguezes fossem assim... Noêmia ouve uma pilhéria pezada, equilibra os pratos e os vai distribuindo aos freguezes. Os seios balançam, moles. O rosto está afogado pelo calor. Um tango. A música é um convite à dança. Noêmia limpa o suor com as mãos. Da cozinha chega um bafo quente. Espreme os olhos. Que fumaça aborrecida!

— Morena, traz um filé!

— Espere aí meu bem...

Há meses que ela vive naquela luta. Pensou em Galego. Pobre, coitado, não podia sustentá-la. Raramente recebia um presente, um vestido.

Noêmia passa a mão pela testa, pela cicatriz ao lado do olho esquerdo. Odia aquele trabalho noturno. Aquela cicatriz era uma consequência. Um barulho no bar, um arrastado de cadeiras, garrafa caindo no chão, batendo nas paredes, o homem gritando escorado na parede, o revólver apontado pronto para atirar. A voz espremida:

— Eu atiro! eu atiro! bandido, bandido!

O outro agarrado pelo companheiro, pálido como um defunto. Chegou a polícia, o bar encheu-se de gente curiosa. Ela sentiu a pancada no rosto. O sangue correu-lhe pela face. Gritaram: a Assistência! a Assistência!

Foi ao espelho e viu o estrago. Quasi varrou o olho esquerdo. Ouviu bem a palavra da companheira ao lado:

— É isto mesmo, minha filha. Quem traba-

lha nessa vida sofre dessas coisas, inocente.

— Mais uma cerveja!

Noêmia odeia o grito do homem, odeia a música que fala de amor. Nunca ninguém lhe fez carinho. Aproxima-se de um freguês sem gravata e que come placidamente. Parece um boi comendo capim. Noêmia coloca um copo na sua mesa. Ele a olha meio risonho. O olhar sobe até os seios, derrama-se pelos braços, enquanto ela vai enchendo o copo. A cerveja espuma. O homem arrisca:

— Que hora sai daqui?

— Até terminar o movimento.

Sai apressada. Alguém grita num recanto do bar. O dono do estabelecimento parte fatias de queijo, cuidadoso como um cirurgião.

As vozes aumentam, se multiplicam, confundem-se, e a música serpenteia pelo salão. Uma mulherzinha se requebra ao lado da eletrôla. Bate no braço de Noêmia:

— Outra ficha.

Lá fora, ouvem-se gritos, pilherias, gargalhadas sem pudor. Que vida, meu Deus! Noêmia se lamenta. Tem medo. Não sabe por que razão ela se sente nervosa. Se pudesse deixava aquela vida, aquele aperreio. Se Galego ganhasse mais...

O ar cinzento de cigarro mistura-se com a fumaça que vem do fogão. Outrora vivia cuidando dos irmãos pequenos, o pai fumando cachimbo dizia:

— Não namore com todo bichinho não. Es-



DESENHO DE DI NAVARRO

ses sujeitos só querem tapear...

O pai era uma escorinha, um freio. Depois que morreu veio a desgraça. A mãe entrevada numa cama. A fome rondando dentro do casebre. Os meninos não resistiram. Um dia viu-se sozinha, rodeada de conselhos, tentações, o diabo.

— Não namore com todo bichinho não...

O conselho do pai foi inútil. Só o mundo restava. Arranjou aquele emprego recebendo gorjetas e pilherias, abusos e gritos. O amor de Galego vinha de quebra. Gostava do garoto. E como jogava bem!... Quasi todos os domingos vai ao campo e fica doitada quando Galego faz um "goal".

Dois mulheres e um homem conversam numa bancalada ao lado. Uma delas é loura e pedante. O cigarro pende dos lábios vermelhos de baton.

A outra é morena e bonita. Noêmia sente-se diminuída entre as duas mulheres. Que sorte! — inveja. O homem parece rico. Noêmia fica esperando uma decisão dos freguezes. O cardápio roda de mão em mão. A mulher loura solta a fumaça com uma elegância de atriz de cinema e olha para a garçoneira como se fosse uma tartaruga. O homem abre a boca num bocejo. No dedo brilha um anel de sangue. Deuter! Que sorte!

Noêmia odia as duas mulheres, mas finge um ar alegre. Numá displicência de orgulho, a mulher morena escolhe:

— Traga uma golinha!

— Pra mim um filé — pede a loura.

— Duas cervejas — rosna o homem.

Noêmia sente um alívio. Dirige-se para o balcão, onde o dono do bar faz uma reclamação:

— Aquele cavalheiro ainda não foi atendido... Mais ligeirinha.

Noêmia volta equilibrando os pratos. Um

calor de matar sobe pelo seu corpo. A noite avança e uma brisa suave sopra pelo salão. Uma valsa triste evoca momentos de amor, paz de alcovas, beijos em surtina, penumbras de veludo. Um sujeito baixo e feio discute entusiasmado com dois companheiros. Noêmia espreme-se entre as cadeiras. Alguém lhe bate:

— Como é seu nome, morena?

— Noêmia.

— Está só?

Noêmia finge não ouvir e sai para atender outros freguezes. Passa pela mulher loura:

Noêmia se vira. A voz displicente e sonolenta reclama:

— Estamos com pressa.

Sente o coração bater apressado. Tem medo de barulho. Tem medo de perder o emprego. O dono já lhe disse: — "Trate bem os freguezes".

As palavras rodam na sua cabeça: "Trate bem os freguezes".

Sorri sem querer. Faz-se de muda às pilherias e aos insultos. Se o pai estivesse vivo... Melhor estar cuidando dos irmãos, da mãe doente, da família pobre.

Olha para o relógio numa esperança. A noite está silenciosa. Um automóvel busina longe. Pouco a pouco, o bar vai perdendo movimento. Noêmia recolhe os últimos pratos. As garrafas ficam vazias. Graças a Deus terminou o movimento. Lembra-se de Galego como um refúgio: — "Até que horas?" — "Quando terminar o movimento do bar".

Ele estará esperando por ela? O suor pinga-lhe da testa. Tudo é silêncio agora. Noêmia retira o avental. O dono do bar fecha as portas. Galego deve estar esperando por ela. Diante do espelho, Noêmia improvisa uma toilette. Os olhos amortecidos de cansaço, os cabelos ne-

gros, a cicatriz, o botom roxo risca os lábios carnudos e sensuais. Sorri para o espelho, para a outra Noêmia cansada e infeliz.

Acorbouse o movimento do bar. As pernas doem-lhe num dormência de câimbra. Galego

deve estar esperando por ela, o cigarro preso nos lábios, o rosto de menino. Pega na bolsinha, despede-se do dono do bar, abre a porta e sente-se feliz na sua liberdade. Feliz e cansada, enquanto um vulto a espera na esquina.

O CORCEL DO DESTINO

CASSIANO DE SOUSA

À NOITE, QUANDO, SÓ, DEBRUÇO-ME AO CALDA DA VIDA, PERSCRUTANDO O MEU DESTINO CRU-

[LENTO] JULGO, TRISTE, ESCUTAR O RUÍDO DE UM TROPEL PELAS ESTRADAS DO MEU RUDE PENSAMENTO. ERGO-ME, ESTENDO A VISTA: AO LONGE, MAG-

[LENTO] ENTRE NEVOAS, SURGIR VEJO UM NEGRO CORCEL, A PASSO VAGAROSO, E CADENCIADO, E LENTO, AO DORSO CONDUZINDO UM TRISTE MENES-

[TREL] REBOA NO SILÊNCIO O RUMOR DO SEU PASSO, E O CORCEL DO DESTINO AVANÇA — EM BREVE

[INSTANTE] VALES DE DOR TRANPÔE, NEGRAS MONTANHAS INUNDANDO DE SUOR, MINANDO O ECANSAÇO:

[NANTE] — O MEU ESTRO É O CANSADO E NEGRO ROCI- E EU SOU O MENESTREL TRISTONHO QUE O CA-



NA ALDEIA — MARC CHAGALL

Educadores, Lêde Copperfield

ERNANI SATYRO

FALAVAMOS, há poucos dias, de castigos infligidos aos alunos, como meio de persuasão ou de intimidação, para que abrissem os crâneos à passagem triunfal das letras...

Felizmente, não era somente em nossa terra que assim se procedia. Entre povos com justiça considerados os mais civilizados, tais abusos se sucediam com uma insistência que nos deixa, a nós brasileiros e aos latinos em geral, menos humilhados dessas explosões de temperamento.

O exemplo mais expressivo desse estado de coisas, que para felicidade das crianças quase já passou à história da pedagogia, é certamente aquele do menino Copperfield — o meigo e dócil David — em nome de quem Charles Dickens narrou os dias atribulados de sua infância, as hesitações naturais da adolescência e, finalmente, o ceticismo da maturidade, mesmo quando coberta de glória.

Não é possível imaginar um método mais tenebroso de educar do que aquele empregado no "Salem-House", em que o velho Creakle se gabava dos castigos infligidos e das apostrias quebradas a seus alunos. A entrada no internato, que o pequeno David guardou em traços tão vivos que perpetuam a Dickens rememorando em uma de suas páginas mais impressionantes, já bastaria por si para dar uma ideia de todo o restante. Diz ele: "Vimos logo aparecer na porta um homem gordo, com um pedaço de touro, uma perna de ovelha e cabelos rapados". Se acrescentarmos a esta nota o esclarecimento de que a criança já vinha praticamente enxada

do seu lar, "exilado", como ele mesmo diz, facilmente compreenderemos qual o seu drama e a extensão de seus complexos.

Maltratado pelo seu padrasto, David chegara a morder-lhe a mão, num gesto instintivo de defesa. Tanto bastou para que, no colégio, tivesse de andar sempre com uma tabuleta às costas, com esta inscrição: "Cuidado, ele morde!" E observa melancolicamente o escritor: "Todos liam o meu cartaz. Acabei convencendo-me que era mesmo um selvagem e que mordia". Já antes, referindo-se aos maltratos de Murdstone, o padrasto cruel, escrevera Dickens: "Deus me é testemunha de que, nesse momento, uma palavra

de ternura teria podido me fazer melhor por toda a minha vida, talvez fazer de mim uma outra criatura".

Pena é que, de sua luta intelectual propriamente dita, pouco nos fala David Copperfield. Quase que sua narrativa se perde nos aspectos mais exteriores da existência, salvo a parte sentimental, onde amor aparece com todos os suspiros de um jovem apaixonado. A parte isto é a notícia de algumas leituras, a história de Copperfield, em quem os biógrafos e a crítica reconhecem a vida do próprio Dickens, pouco esclarece de suas lutas interiores, da formação do espírito, das campanhas do escritor, até o seu ponto culminante que foi a glória.

Parece mesmo que, escondendo-se sob o nome de Copperfield, embora este confesse muitas vezes que estava narrando a sua própria história, Dickens se concedeu a liberdade de omitir muita coisa — muitas dessas coisas que uma auto-biografia, rigorosamente, não poderia olvidar.

Por mais que a narrativa acompanhe a vida de Trot (apelido de David, na intimidade), sente-se, sem qualquer esforço, que as outras vidas, girando em torno dele, têm por vezes maior intensidade e interesse que a sua própria. Encontramos em diversas páginas o puro folhetim, embora um folhetim que consegue salvar-se pelos recursos que todos adoramos no talento de Dickens.

Não é mesmo possível, por mais movimentada que seja uma existência, encontrar no seu caminho os personagens que se cruzaram no caminho de Copperfield. São personagens todos eles caricaturados, com as vidas cheias de aventuras, acompanhando esse outro, que se descreve e descreve os demais. Se Copperfield aparece no livro todo, é porque o romance está escrito na primeira pessoa. Em muitas e muitas páginas, ele é apenas espectador. Mas — e aí é que está a grandeza do seu autor — que espectador sensível e diferente!

Dickens leva todo o seu tempo a brincar de assemblagens. Mas ele não faz nunca infelizes aqueles a quem amou. Arranja sempre um jeito de salvar os seus bons e castigar os seus maus. Quanto aos primeiros, à falta de outro recurso, salva-os até com uma boa morte, com uma morte heroica ou cristã. Os



MULHER — VERA JANACOPULOS
(FOTO DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO)

máus, os seus inimigos, têm a mesma sorte dos bandidos de seus romances policiais: terminam na cadeia.

Poderá objetar-se contra Dickens que sua autobiografia não teve grandeza da confissão de um Rousseau. As fraquezas, os erros e os crimes que este expõe aos olhos de todos, não encontram similar na literatura. Mas Dickens bem poderia responder, não somente que os homens não são obrigados a confessar-se diante da posteridade, como ainda, e com vantagem, que escreveu a vida de David Copperfield, precisamente para dizer apenas o que quizesse.

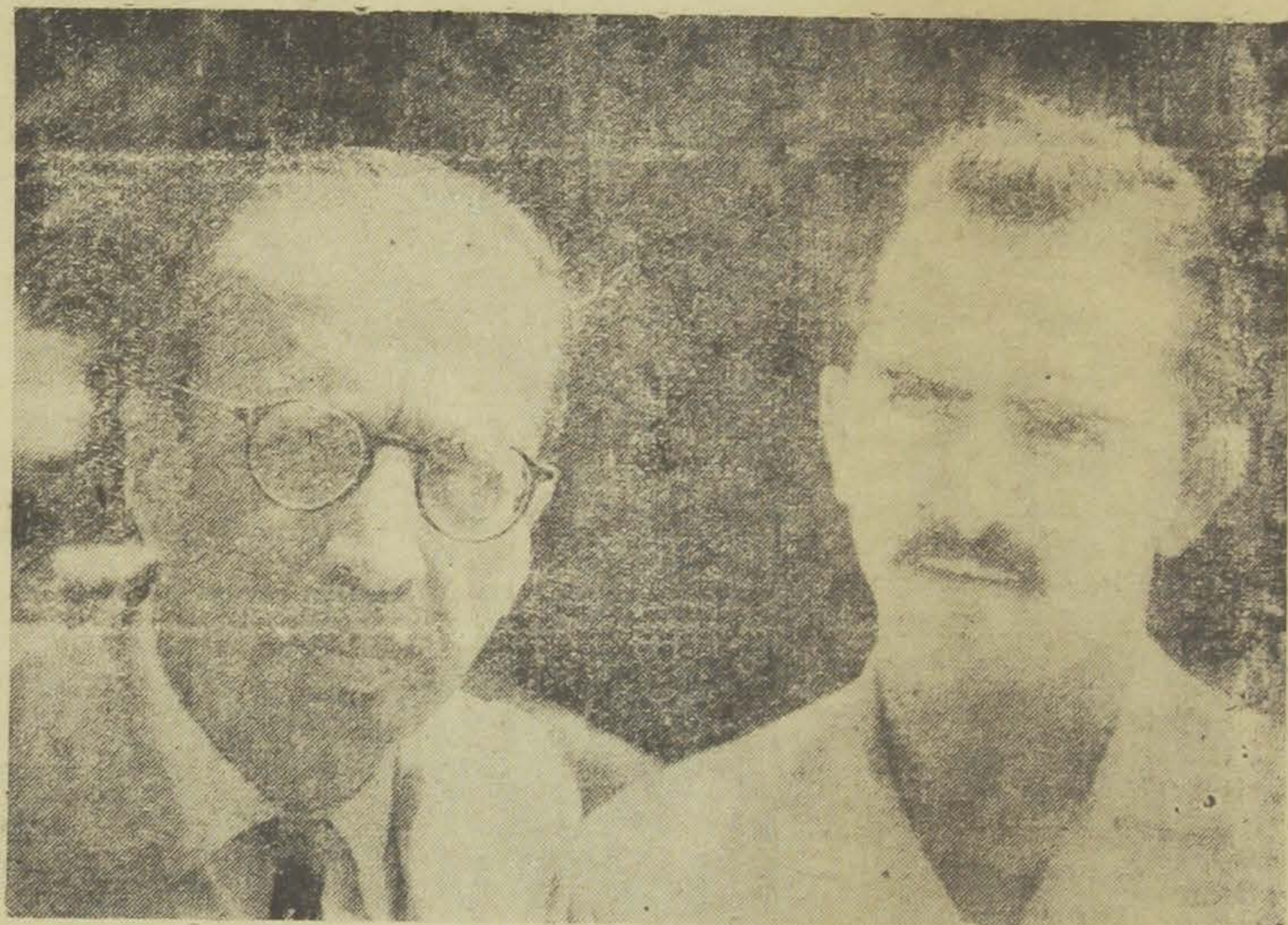
Saja como fôr, aí temos um livro, não apenas para os amantes dos grandes romances, mas também para os educadores mais exigentes. Avaliamos mesmo com que prazer o professor Freud deve ter saboreado algumas dessas páginas, apesar de não dizer claramente dessa história complicada dos complexos. É verdade que esses complexos se observam mais em suas manifestações exteriores, nos seus efeitos, porque no Copperfield não existe propriamente a introversão. Suas quedas e

seus desfalecimentos aparecem mais nos resultados do que na elaboração. Vê-se quase sempre que aquilo ocorreu, mas não como ocorreu.

Mesmo assim, educadores, lede Copperfield se porventura não o conheceis. Lembramo-nos dele quase por acaso, por um desses mistérios e surpresas da associação de idéias, espontânea e indomável.

Não pertenceis à categoria daqueles desalmados, que enchiam de sombras a vida de crianças indefesas. Não da família dos Creakle e dos Murdstone. Mas precisais conhecer as vossas raízes e, no meio de vossos desfalecimentos, verificar que, naqueles tempos, também havia os Strong. Mas, como eles sofriam na sua santa ingenuidade e na sua dolorosa incompreensão!

Aqui mesmo entre nós temos os ensinamentos clássicos de Raul Pompeia e José Lins do Rego. Não temos dúvida em incluir "Doidinho" como livro clássico. Como os homens de juízo têm coisas a aprender naquela história de meninos desmiolados! Sim, não abandonéis "O Ateneu" e "Doidinho". Mas lede "David Copperfield" e talvez o vosso espírito fique ainda mais leve.



O POETA MANUEL BANDEIRA E O ORIENTADOR DÊSTE SUPLEMENTO — FOTO DE SILVIO DA CUNHA — (PETROPOLIS, JANEIRO DE 1949)

O Deserto e os Números

CARLOS DE ATAIDE

Escreveu o sr. Tristão de Ataíde que poesia "é a revelação das forças invisíveis que se ocultam no coração da realidade".

Esse poder de revelar não se improvisa. O poeta pode se aperfeiçoar mas já trazendo em si o dom de encontrar e manifestar o espiritual, procurando sempre a deleitação da beleza.

Poesia não é sentimentalismo nem apenas um "desvaneio vão". A poesia é também um modo de expressão de vida. A manifestação espontânea e com alma

dessa vida é o que constitui a sublimidade, o encanto, a atração da poesia.

O sr. Edson Regis acaba de publicar um livro de poesia "O Deserto e os Números", em que se revela um poeta de verdade. Aliás, não é de agora a sua vocação poética. Antes de vir poeta o nosso meio, já gozava da fama de um dos poetas novos do Recife.

Enquanto muitos do que fazem verso querem passar por poetas,

e não são mais do que simples dilatantes, o sr. Edson Regis é de fato um poeta. Tem espontaneidade, tem alma, tem sentimento. O que mais prejudica a certos pseudos-poetas é o forçar os seus versos, quer na forma, quer no uso das palavras. Em "O Deserto e os Números", não há nada de forçado. Faz-se mister que o elemento material da poesia esteja informado por uma "alma". As poesias do jovem poeta pernambucano que está se parai-

banizando possuem essa "alma", e por isso as suas poesias são vivas. Desse volume que acaba de sair, se fossemos apontar aquelas composições em que mais se manifesta a veia poética do sr. Edson Regis apontaríamos "O Grito", "A Busca", "O Sofrimento da Criança", "Elegia de Deolindo Tavares", para só mencionar algumas das que mais nos agradaram.

Poesias dessas devam se multiplicar entre nós, para melhorar a nossa literatura provinciana, tão escassa de coisa boa.

O Existencialismo é um Individualismo

SILVIO DE MACEDO

RESPONDEMOS aqui às perplexidades de um jovem escritor paraibano, que, fazendo inteligentemente referência a um nosso trabalho sobre o Existencialismo, transcrito no "DIÁRIO DE PERNAMBUCO", partindo de premissas idênticas, chegou então a uma conclusão diferente da nossa. A'queles, entretanto, que emitem sobre esse novo movimento intelectual os mais disparatados e grotescos conceitos, nenhuma resposta se lhes deve dar. São "crianças" que gostam de brincar com fogo. Não estaria em moda uma espécie de "journalisme criblé", tão de gosto dos incultos, que distorça a seriedade e a complexidade das coisas, pelo mau uso do pitoresco, pela preocupação excessiva dos aspectos negativos das coisas e das ideias?

Escreveu o escritor, em "CORREIO DAS ARTES", de João Pessoa, o seguinte: — "Não concordo, pois, quando ao tentar fazer uma interpretação do existencialismo o sr. Silvio de Macedo diz não ser ele outra coisa senão um "radical individualismo".

De fato, não é a opinião do escritor uma opinião isolada. E nada nos pode interessar mais que um debate dessa natureza. Mas, para mostrarmos que estamos interpretando fielmente o Existencialismo, que não é uma Escola, que não é um sistema único propriamente dito, antes renega a característica tradicional do sistema, sendo apenas uma "tendência", contemporânea, do pensamento, é que tivemos a preocupação cuidadosa

de estudar na fonte o fenómeno.

Tem-se em vista, portanto, ser o Existencialismo múltiplo: o catolicismo existencialista de Gabriel Marcel não é, por essas razões, igual ao "realismo" de Sartre. E nem o Existencialismo nasceu na França! Não aplicam, à categoria existencial sentidos diferentes, o idealista e espiritualista Jaspers e o idealista ateu Heidegger? O "presencialismo" de Charles du Bos não é qualquer coisa de profundamente diverso do que se denominou de esnobismo existencialista? Isso quer dizer, preliminarmente, que não se pode "julgar" o "existencialismo" partindo de considerações isoladas, pseudo-filosóficas, desnaturantes, tão de gosto dos literatos.

Seria interessante ler, em "L'EXISTENTIALISME EST UN HUMANISME", de Jean-Paul Sartre, que a tese antropocêntrica é a própria tese do Existencialismo. Neste livro, respondeu o autor aos ataques que lhe foram dirigidos por católicos e ao mesmo tempo por marxistas. Aproveitou a oportunidade, também, para fustigar a "moda existencialista", que é a negação mais séria do próprio Existencialismo. Mas não é isso, precisamente, isto é, a percepção exata do problema existencial, que nos leva a dissonância com o escritor paraibano. A questão está na conclusão das premissas. Afirmamos ser o existencialismo um individualismo, o que intriga ao jovem "débutant". Mas, vamos levá-lo a pensar o próprio pensamento existencialista, na inter-

pretação da obra de Sartre.

Diz o autor de "LA NAUSEE", pag. 69 op. cit. —

"Notre point de départ est en effet la subjectivité de l'individu, et ceci pour des raisons strictement philosophiques. Non pas parce que nous sommes bourgeois (ele aqui responde às críticas dos comunistas), mais parce que nous voulons une doctrine basée sur la vérité et non un ensemble de belles théories, pleines d'espoir mais sans fondements réels".

E, à pag. seguinte: — "Il ne peut pas y avoir de vérité autre, au point de départ que celle-ci: Je pense donc j'ai, c'est la vérité absolue de la conscience s'atteignant elle-même".

A evidência do texto nos revela que o existencialismo sartriano coloca o problema do pensamento individual como a condição essencial da sua atitude filosófica. Não é a "massa", o grupo social, que vai dar ao homem a noção de responsabilidade — "pivot" do existencialismo, — mas é o próprio homem que, sentindo os seus próprios limites, tomando responsabilidade de seu "existir", se coloca como centro vivo, como objetivo de si mesmo, mas como objetivo que inclui a inter-subjetividade, porque "la subjectivité que nous atteignons là à titre de vérité n'est pas une subjectivité rigoureusement individuelle. E' claro, que, sendo "realista", a filosofia sartriana não pode deixar de admitir a evidência dos estudos psicológicos atuais, com o novo conceito dinâmico

de personalidade, que faz, desta uma estrutura bio-psico-social.

O antropocentrismo ou o individualismo de Sartre é uma decorrência necessária das premissas sobre que repousam o seu edificio filosófico. Uma filosofia do "concreto", é claro que só pode ser uma filosofia individualista. Uma filosofia hegeliana, abstrata, é que repousa em "universalidades", e, daí, então, a dialética marxista coerentemente aproveitar essas "universalidades" em proveito predominante do conceito de "massa" sobre o de "indivíduo", sobre o da unidade humana — o HOMEM. Ora, o Existencialismo é justamente o mais radical desmentido a um predominio do conceito de "massa", porque a "responsabilidade" tem que ser posta no homem, no indivíduo, que tem que pensar-se a si mesmo, e ligar-se aos outros, mas sem perder as suas características próprias, inconfundíveis.

A' pag. 64, lê-se: — "Toute théorie qui prend l'homme en dehors de ce moment ou il s'atteint lui-même est d'abord une théorie que supprime la vérité, car, en dehors de ce "cogito" cartésien, tous les objets sont seulement probables..."

Procurando, entretanto, resolver o dualismo existente entre o historicismo, que é o domínio do concreto, do individual, e o universalismo, que é o domínio do abstrato e do universal, Sartre alega não haver diferença "entre être un absolu temporairement localisé, c'est-à-dire que s'est localisé dans l'his-

toire, et être compréhensible universellement" (p. 72). Seria no caso, admitir um "universalismo", formado na diversidade, na diferenciação, e não um universalismo puramente lógico, quantitativo, que serve de apoio ao marxismo.

Mas o existencialismo, porque coloca a salvação do homem nele próprio, e não num princípio a ele exterior, ou noutras palavras, porque vê o problema da liberdade na dependência do homem e não da "massa", é um Individualismo. Parte da subjetividade. É bem verdade, porém, que não é um individualismo simplista — como quiseram enxergar — mas um Individualismo humanista, que não significa isolamente, que é "engagement" no sentido de incorporação do homem aos outros homens quanto a seus pro-

blemas comuns. Sem que esse "engagement", contudo, possa afastar o problema central da filosofia situado no próprio homem, como unidade, responsabilidade, para situá-lo no grupo ou na "massa", ou mesmo em Deus como realidade exterior ao homem. Assim, o Existencialismo é um Individualismo, um humanismo: — "Por humanisme on peut entendre une théorie qui prend l'homme comme fin et comme valeur supérieure" (p. 90). E mais adiante, à pag. 93, está: —

"Il n'y a pas d'autre univers qu'un univers humain, l'université de la subjectivité humaine".

Poderíamos respigar muitas coisas ainda no "realismo" individualista humanista, que é o Existencialismo.

Karl Jaspers, por exem-

plo, que é o grande existencialista alemão, escrevendo na sua obra com profundidade, sobre o problema do existencialismo, advertia para a existência do novo humanismo. Seus comentadores Mikel Dufrenne e Paul Ricoeur, p. ex., em "KARL JASPERS ET LA PHILOSOPHIE DE L'EXISTENCE", p. 394 escreveram o seguinte: — "... la vérité existentielle, c'est celle que je suis en tant que je me choisis, ou que je choisis en tant que je suis; elle est ma vérité".

Assim a título de esclarecimento, queremos ressaltar uma notável contribuição recente para o Existencialismo. Trata-se de "CRITIQUE PSYCHIATRIQUE DE L'EXISTENTIALISME", de Luisa Duss, eminente psiquiatra de Genebra, trabalho publicado nos

ANNALES MÉDICO-PSYCHOLOGIQUES, Paris, 1948. Está escrito, à pag. 554, o seguinte: — "L'Existentialisme, à l'envers de 1^a philosophie classique, rejette tout ce qui constitue type, la catégorie, la classe, pour ne s'intéresser qu'à l'individuel, au concret, ou singulier".

Viu-se, por caminho diferente a ingenuidade do escritor paraibano, ao querer rebater-nos simplisticamente, num ponto que ele tratou fragilmente, achando ser uma "barbaridade" admitir-se o Existencialismo como uma nova forma de Individualismo.

Assim, mais uma vez insistimos na defesa da nossa tese, por nos ampararmos na melhor e mais firme convicção sobre o assunto.

O Existencialismo é uma nova forma de Individualismo.

Z U L M I R A M O R T A

GUERRA DE HOLANDA

A NILO PEREIRA

PENSO COMOVIDAMENTE;
PENSO AMARGAMENTE, EM ZULMIRA, MORTA,
ABANDONADA PELOS HOMENS,
POIS SEU CORPO JÁ RECEBEU A ESTRANHA MARCA
[DA ETERNIDADE]

PENSO EM ZULMIRA, MORTA EM SEU LEITO DE PROSTITUTA,
SEM TER QUEM A LEVE PARA O CEMITÉRIO
PORQUE OS QUE A POSSUÍAM, SE ENVERGONHAM,
[AGORA, DA COMPANHEIRA,
NO MOMENTO PRECISO EM QUE ELA DEVE ATRAVES-
[SAR AS RUAS DA CIDADE
REDIMIDA E DISTANTE DO SEU PRÓPRIO CORPO]

PENSO EM ZULMIRA, MORTA,
COM O ROSTO TRANSFIGURADO E O CORPO VAZIO,
CERCADA PELAS ÚLTIMAS COMPANHEIRAS
DE IGUAL POBREZA E IGUAL DESTINO,
COM O SANGUE ESCORRENDO-LHE DO SEIO,
ONDE A MALDADE DO AMANTE PENETROU A AFIADA
[LÂMINA]

PENSO EM ZULMIRA, MORTA,
EM ZULMIRA QUE FÔRA TANTA TERNURA PARA OS
[SOLDADOS,

PARA OS MARINHEIROS;
ALVAS MÃOS PROTEGENDO OS ÉBRIOS

MEIGO CORAÇÃO DIVIDIDO COM OS ABANDONOS...
PENSO EM ZULMIRA, MORTA, COMO PENSAREI NO FUTURO DOS FILHOS,
[TURO DOS FILHOS,
COMO SE ELA FOSSE UM OBJETO INDISPENSÁVEL
[PARA A VIAGEM,

UMA FLOR PARA O JARRO,
SAL OU LUZ
PENSO EM ZULMIRA, MORTA,
E ME PENITENCIO POR TER SIDO MANCHA EM SUA
[ALMA,

ACRESCIMO EM SUA DESORDEM.
MUTILAÇÃO EM SEU AMOR;
QUANDO PODERIA TER SIDO O SEU GUIA
NAS ENCRUZILHADAS MISTERIOSAS DE DEUS

PENSO EM ZULMIRA, MORTA!

QUE ESTE POEMA NÃO SEJA
UM SIMPLES COMUNICADO OU A NOTÍCIA INDIFERENTE!
[FERENTE!
QUE ESTE POEMA SEJA MAIS DO QUE A ELEGIA DO
[AMIGO]

OU A LEMBRANÇA DO SOLDADO!
QUE ESTE CANTO DE TERNURA E REMORSO
SEJA LÁGRIMA E FLOR,
HUMILDE INSCRIÇÃO EM SUA LÂPIDEA

"Na Espadana Branca"

"A ESTRELA SOBE"
DE MARQUES REBELO

JA disse o crítico Alvaro Lins que o bom livro de ficção é aquele que prende a nossa atenção, a ponto de esquecermos as nossas preocupações diárias, os nossos problemas, para vivermos um mundo diferente do nosso.

Um livro que nos leva ao bocejo, ao enfado, fazendo com que sintamos a realidade presente, perde o valor como obra de arte.

O romance de Marques Rebelo (A ESTRELA sobe-edição Cruzeiro) é um livro que se integra no conceito do crítico pernambucano. A história que o autor nos conta, embora baseada num tema banal, cresce de intensidade e interesse da primeira à última página.

Diante desse romance, o leitor não pode tomar uma atitude passiva de simples expectador.

É levado também a viver a história. Odeia e ama personagens. E, às vezes, sente-se impellido a dar conselhos a uma Leniza, por exemplo, personagem principal do romance. A ingenuidade de Leniza, a sua ilusão de mocinha cheia de sonhos lançada na vida caríoca, vítima da própria ambição de mulher sensual e admirada, comove-nos. Como criatura humana ela está cheia de defeitos e de virtudes. Toda a sua história é uma luta entre o bem e o mal, entre o sonho e a realidade, o fracasso e o êxito. Leniza é bem a mulher-símbolo do nosso rádio, que se ilude e se decepciona a todo instante. A pobre criatura que Marques Rebelo criou tão viva, tão humana, tão mulher, encontra no seu caminho muitas pedras. Encontra, por exemplo, um Mário Alves, um tipo asqueroso, mas que pulula em toda parte, mentindo, enganando e sempre sorrindo no fim de cada tragédia. Aí o ingênuo Porto, um homem bom a quem Leniza não soube compreender. D. Manuela, a mãe da cantora, e seu Alberto, são, por aí, as personagens que mais impressionam, carregando nas costas, todo o peso de uma vida mediocre, conformada e infeliz.

Todos esses personagens foram bem pintados e dissecados pela pena do romancista carioca. Nada de artificial nos seus dramas.

Marques Rebelo não os fotografou apenas.

Devascou-lhes a alma, dando-nos uma ideia nítida e bem real dessa vida de cidade grande, tão pouco retratada pelos nossos romancistas.

"CRIME E CASTIGO"

Ilustrado pelo artista paraibano Santa Rosa, JOSÉ OLÍMPIO, editou o profundo romance de Dostolewski CRIME E CASTIGO, num conjunto de dois volumes que somam seiscentas e tantas páginas, incluindo o DIÁRIO DE RASKOLINOV.

A tradução está sob a responsabilidade de Rosário Fusco.

EXPOSIÇÃO DE REVISTAS

A DIREÇÃO do COR-

REIO DAS ARTES, juntamente com a da revista MOLEQUE, promoverá, brevemente, no HALL do Teatro SANTA ROSA uma exposição de revistas literárias, ultimamente aparecidas no país.

Esse acontecimento está despertando interesse em nossos círculos culturais, vem sendo anunciado pela imprensa local.

Com essa exposição, o público paraibano ficará a par do que vem acontecendo no mundo literário no que se refere ao movimento de libertação das províncias e às atitudes dos novos valores.

ADALMIR DA CUNHA
MIRANDA

INTEGRANDO uma embaiada de universitários baianos, que se encontra em Recife participando das comemorações em homenagem ao centenário de Joaquim Nabuco, e que visitou, há dias a Paraíba, esteve em nossa redação o jovem escritor conterrâneo Adalmir da Cunha Miranda.

Colaborador do CADERNO DA BAHIA e um dos elementos da nova geração literária, Adalmir da Cunha Miranda manteve longa palestra com os fazedores de Correio das Artes.

"CORREIO DO SIRIGI"

MAIS um número do CORREIO DE SIRIGI chegou às mãos. Trata-se do número 6.º, como sempre

representando trabalhos literários e notícias variadas.

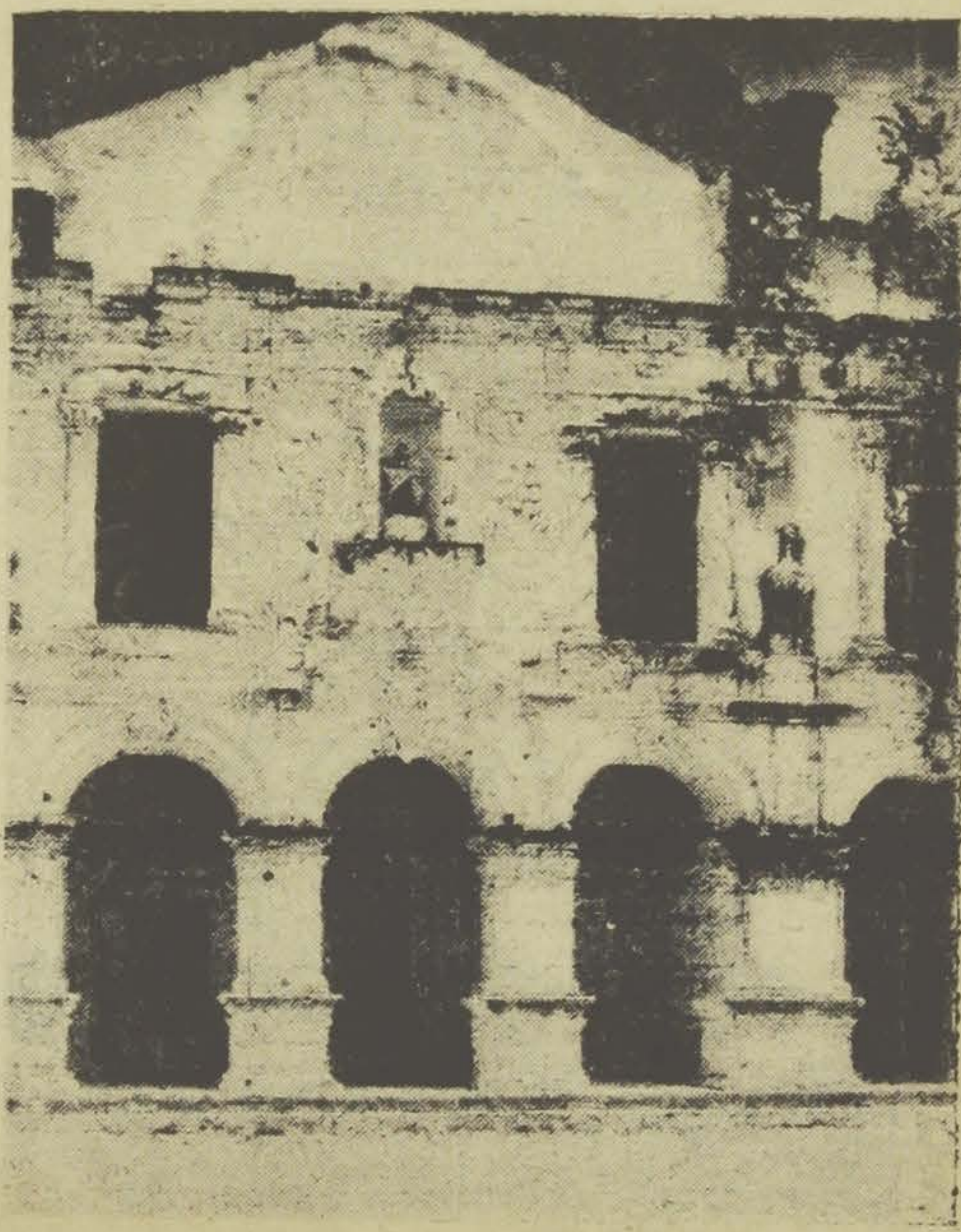
Esse órgão literário e noticioso, edita-se em Vicência, Pernambuco, e é dirigido pelo sr. Assis Pedrosa.

Endereço: — Praça da Bandeira, 40 — Vicência, Pe.

SHAW EM PORTUGUÊS

A editora GLOBO acaba de lançar em português, do grande ironista Bernardo Shaw, o livro AVENTURAS DE UMA NEGRINHA QUE PROCURAVA DEUS.

A tradução dessa obra foi confiada ao sr. Moacir Werneck de Castro, o livro constitui uma fantasia e um ensaio, porque o humorista irlandês serve-se de alguns personagens, especialmente de uma pretinha, que recebe de presente uma Bíblia, para levá-los através de símbolos e manifestar seus pontos de vista religiosos e políticos.



Detalhe da fachada da Igreja da Glória, neste Estado um dos maiores manufatos sacros do Brasil. (Foto B. DIAS)

LIBERDADE

PAUL ELUARD

Tradução de EDUARDO MARTINS

S
OBRE OS CADERNOS DE ESCOLA
SOBRE A CARTEIRA E NAS ARVORES
SOBRE A AREIA SOBRE A NEVE
GRAVO O TEU NOME

SOBRE AS PÁGINAS JA' LIDAS
SOBRE AS PÁGINAS EM BRANCO
PEDRA SANGUE PAPEL CINZA
GRAVO O TEU NOME

SOBRE AS IMAGENS DOIRADAS
SOBRE AS ARMAS DOS GUERREIROS
SOBRE A COROA DOS REIS
GRAVO O TEU NOME

SOBRE A JUNGLE E NO DESERTO
SOBRE OS NINHOS E NAS GIESTAS
SOBRE O ÉCO DA MINHA INFANCIA
GRAVO O TEU NOME

SOBRE OS ENCANTOS DA NOITE
SOBRE O ALVO PÃO DA MANHÃ
SOBRE ESTAÇÕES ENLAÇADAS
GRAVO O TEU NOME

SOBRE OS TRAPÓS AZULADOS
SOBRE O TANQUE SOL MOFADO
SOBRE O LAGO LUA VIVA
GRAVO O TEU NOME

SOBRE OS CAMPOS NO HORIZONTE
SOBRE AZAS DE PASSARINHOS
E SOBRE O MOINHO DAS SOMBRAS
GRAVO O TEU NOME

SOBRE A VIRAÇÃO DA AURORA
SOBRE O MAR SOBRE OS NAVIOS
SOBRE A MONTANHA DEMENTE
GRAVO O TEU NOME

SOBRE A ESPUMA DAS NUVEIS
SOBRE O SUOR DAS INTEMPÉRIES
SOBRE A CHUVA ESPÉSSA E INSÍPIDA
GRAVO O TEU NOME

SOBRE AS FÓRMAS CINTILANTES
SOBRE A MÚSICA DAS CORES
SOBRE A FÍSICA VERDADE
GRAVO O TEU NOME

SOBRE AS SENDAS ACORDADAS
SOBRE OS CAMINHOS ABERTOS
SOBRE AS PRAÇAS TRANSBORDANTES
GRAVO O TEU NOME

SOBRE A CANDEIA QUE SE ACENDE
SOBRE A CANDEIA QUE SE APAGA
SOBRE MINHAS CASAS JUNTAS
GRAVO O TEU NOME

SOBRE O FRUTO DIVIDIDO
DE MEU ESPÉLHO E MEU QUARTO
SOBRE MEU LEITO VAZIO
GRAVO O TEU NOME

SOBRE O CÃO GULOSO E FIÉL
SOBRE SUAS ORELHAS FITAS
SOBRE SUA PATA CANHESTRA
GRAVO O TEU NOME

SOBRE A SOLEIRA DA PORTA
SOBRE OBJETOS FAMILIARES
SOBRE A ONDA DO FOGO PURO
GRAVO O TEU NOME

SOBRE A CARNE POSSUIDA
SOBRE A FRONTE DOS AMIGOS
SOBRE A MÃO QUE A MIM SE ESTENDE
GRAVO O TEU NOME

SOBRE O VIDRO DAS SURPRESAS
SOBRE OS LÁBIOS ATENCIOSOS
BEM ACIMA DO SILENCIO
GRAVO O TEU NOME

SOBRE REFÚGIOS DESTRUÍDOS
SOBRE MEUS FARÓIS POR TERRA
SOBRE OS MUROS DO MEU TÊDIO
GRAVO O TEU NOME

SOBRE A AUSÊNCIA SEM DESEJO
SOBRE A NUA SOLIDÃO
SOBRE AS ESCADAS DA MORTE
GRAVO O TEU NOME

SOBRE A SAÚDE COBRADA
SOBRE RISCO DISSIPADO
SOBRE A ESPERANÇA SEM MEMÓRIA
GRAVO O TEU NOME

E AO PODER DE UMA PALAVRA
RECOMEÇO A MINHA VIDA
NASCI PARA CONHECER-TE
PARA CHAMAR-TE LIBERDADE.

CORREIO DAS ARTES

CAMPOMIZZI FILHO

A PROVINCIA tem feito valer a expressão intelectual dos autores que, presos a compromissos de toda ordem, dela não se podem abalar para a metrópole distante. E se em época anterior esses valores se perdiam no delimitado das fronteiras municipais, não chegando ao grande público pela dificuldade de expansão dos seus trabalhos, já hoje se nota um alto sentido de reação, surgindo nos diversos estados jornais e revistas que atestam o valor e a dedicação da gente provinciana que busca, nos meios restritos de que dispõe, atingir a universalidade da arte pela expressão de órgãos capazes de chegar aos mais distantes rincões onde se cuide das coisas do espírito.

Ainda agora nos chega esse CORREIO DAS ARTES, suplemento literário da UNIÃO, um dos grandes diários da Paraíba, que, vivendo da perseverança de uma plêiade ilustre de escritores, é dessas maravilhas consignadas com denodo e que deixam estorrecidos as igrejinhas pelo conteúdo brilhante dos trabalhos publicados e pela perfeição gráfica conseguida pela técnica local e pelos poucos recursos convocados pelos batalhadores provincianos.

Na Paraíba, o CORREIO DAS ARTES é alguma coisa real e de grande. Já nos primeiros números se impoz como leitura obrigatória a quantos se interessam pelo movimento literário, revelando valores e orientando o leitor nos exercícios intelectuais, dando amostras do quanto se realiza em nosso país nos domínios da arte.

E se a província passava despercebida pela dificuldade de espaço nas folhas do Rio, nem por-

isso a nova geração deixaria de aparecer. E o CORREIO DAS ARTES, verdadeira revista publicando colaborações dignas, tudo escolhido e orientado por esse poeta vigoroso que acaba de brindar-nos com O DESERTO E OS NUMEROS, deixou de circunscrever-se ao pequeno Estado nordestino para atingir as mais afastadas comunas, numa afirmação categórica de que também na Paraíba se trabalha e se renova, burilando poemas e fazendo romance, divulgando ensaios e estudando novas fórmulas capazes de substituir os métodos de vinte e dois já repetidos e repetindo-se até mesmo nos seus nomes mais destacados.

O CORREIO DAS ARTES foi uma surpresa. Jámais se esperava fôsse a província capaz de um jornal assim, reunindo nas suas páginas mais que um belo conjunto de trabalhos, para evidenciar um bom gosto impecável, com moços esforçando-se por uma revolução literária que firme melhor os novos como gente que tem alguma coisa a dizer e que não dorme sobre os primeiros louros conquistados, desejosa que está de revelar os seus anseios e mostrar a grandeza de um ideal a serviço da arte.

Do Recife e do Rio, do interior e da capital, de todas as partes surgem artigos para a revista. E' que esse CORREIO DAS ARTES reclama o interesse de todas as rodas.

Em cada capital de Estado e em várias cidades do "hinterland" surgiram como que ilhas de agitação intelectual, brilhando poetas e romancistas que, desligados das livrarias cariocas, aguardavam apenas a esperada oportunidade de se apresentar ao público. E para quem conhece de perto as mil dificuldades de se conseguir a fundação de um jornal, e mais que isso, de um jornal dentro de outro jornal, o aparecimento do CORREIO DAS ARTES representa o desmedido interesse dos moços que não esmorecem antes obstáculos de toda ordem.

Em mais de uma dezena de edições, CORREIO DAS ARTES percorreu já todo o território brasileiro. E deixou de ser apenas o suplemento de um jornal para significar uma mensagem dos intelectuais paraibanos trabalhando ativamente pela evolução da arte.

(TRANCRITO DE FOLHA DO POVO
UBÁ — MINAS GERAIS — 9-7-1949.)

(Conclusão da última página)

A' sombra dos tuas tranços,
E' ter o rosto orvalhado
De lírios esperanças...
E' vêr que o céu se desata,
Que se desfolha em cascata
De gemas, de oiro e luz...
Ah! beija-me assim, formosa!
Teu beijo do mel da rosa
Me embriaga e me saúz.

Quando rompe a madrugada
E adojam por sobre as flôres
Os colibris doudejantes,
N'um meigo idílio de amôres,
Me lembro d'esses teus beijos,
Cheios de amor e desejos,
Castos, puros, juvenis,
Que de teus lábios na rosa
Semelham, virgem formosa,
Aureas abelhas gentis

Pelos desertos da vida
Chorava eu triste e sózinho,
Feria-me o peito exausto
Dos sofrimentos e espinho...
Mas, quando teu beijo santo
Bebeu a gota do pranto
Que de meus olhos descia,
Sentí que as dôres passavam,
Ouví que as aves contavam,
E vi que o céu me sorria!



Antologia de Poetas Paraibanos

SELEÇÃO E NOTAS DE EDUARDO MARTINS

ELIZEU CEZAR

1874 — ?

ELYZEU Cezar, nasceu no ano de 1874 na cidade da Paraíba, sendo filho natural de Dulcídio Cezar, administrador dos Correios, no Estado, e sua mãe adotiva, d. Vicência Ferreira de Albuquerque Cezar. Tipógrafo, depois carteiro dos Correios até concluir os seus preparatórios para ingressar na Faculdade de Direito do Recife, donde saiu bacharel para ocupar a promotoria da capital do Estado do Espírito Santo, onde, também, trabalhou na imprensa local. Daí partiu Elyzeu Cezar, em 1901, com destino ao Pará ingressando no jornalismo, sendo mais tarde um dos principais redatores da "Província do Pará" onde colaborou por longo tempo sob o pseudônimo de Guajarino. Depois dirigiu "O Jornal", folha partidária que obedeceu à orientação de Antonio Lemos. Tribuna prebator, foi ainda Elyzeu Cezar deputado estadual pelo Pará sendo o "leader" do governo na Câmara, e, alimentasse ele, afirma Humberto de Campos, "ambições de fortuna ou de mando, e teria sido deputado federal, senador da República, e, talvez, como Antonio Lemos, um dos grandes chefes nacionais".

Não se sabe a data e o lugar exatos do seu falecimento.

Publicou: "Algas", poesias, precedidas de um prólogo pelo dr. João Pereira de Castro Pinto. Tip. Lit. Encadernação e Pautação de Jayme Seixas & Cia., Paraíba, 1894.

AS ESPERANÇAS

Eu vi todas fugirem, docemente
Se fôram pelo azul, todas voando,
Qual de garças um bando alvinitente
O espaço azul, imenso, recorrendo.

D'aqui, do meu retiro, aonde agora
Vivo carpindo os dias de ventura,
Eu disse-lhes: adeus, filhas d'aurora,
Aves feitas de amor e de ternura...

Como a tribu das aves emigrantes
Que perpassam no azul de ano em ano,
Em busca de paragens verdejantes,

Vocam, enquanto o ninho abandonado,
Ermo de contos, tétrico, ensombrado,
Baixa estíve noturna — o desengano!

A IGREJINHA

O resto
O resto, igreja tão formosa aquela,
Tão de branco no florido outeiro,
Coberta sempre de uma paz singela,
Ingenuamente sacrosanta e bela,
Com áureos sinos e com ar faqueiro.

De longe vista só parece um ninho
Feito do cirrus que no céu alveja
Que poesia no seu nichosinho!

E quantos lírios pelo seu caminho
Que, outeiro cima, lá se vai, cobreja!

Quando a manhã, do longo céu deserto,
Acorda à mata os maviosos trinos,
Na aldeasita, que demora perto,
Paira um sorriso deshorizonte aberto,
Da igrejazinha ao repicar dos sinos!

O som que vem do campanário antigo
Entra nas almas a sorrir, cantando,
Dos aldeões pelo modesto abrigo,
Tal como um eco bemfazejo e amigo,
A missa! a missa! os aldeões chamando!

Ah! como voad, derredor da igreja,
Da minha infância os ilusões queridas!
Como esse bando multicolor voava
Por cima dela, que bemdita seja
Co'os torresinhas para o céu erguidas!

O! que igreja tão formosa aquela,
Onde eu resava em pequenino, quando,
Com minha mãe, ouvia missa nela,
Na primavera sorridente e bela
Da minha infância que se foi murchando!

A CEGUINHA

Quando ela vem à minha porta e estende
A branca mão nervosa e pequenita,
Do peito meu na tenebra infinita
Um delicado sentimento esplende.

Não sei se é compaixão, mas, dolorida,
Ante essa dor, que lágrimas inspira,
Como se fôsse a corda de uma lira,
Minh'alma chora, triste e comovida.

São tais as emoções, tantas as máguas
De vê-la presa de cruéis fráguas,
De vê-la tatear como entre abrolhos.

Que, se eu pudesse, a noite érna e sombria
D'essa pobre cegueta desfaria,
Ofertando-lhe o brilho dos meus olhos!

TEUS BEIJOS

Morena, teus castos beijos,
D'essa boquinha de flôr
Inventam cousas sonoras,
Segredos íntimos de amor...
São doces de tal doçura,
São ternos de tal ternura,
Têm tanto viço e frescor,
Que eu penso que são pingados
Lá dos mundos estrelados
No cálix d'alguém flôr
Senti-los por sobre as faces,

(CONCLUI NA PAGINA 15)